



K. P. KAVÁFIS (Alexandria, 29 de Abril de 1863 – Alexandria, 29 de Abril de 1933) é geralmente reconhecido como o mais influente poeta da modernidade grega. Falava grego, inglês, francês, sabia italiano, dominava o grego antigo e o latim. O último de nove filhos de uma família abastada, emigrada em Alexandria, assistiu ao declínio financeiro familiar após a perda do pai em 1870. Exerceu funções de tradutor e escriturário, fazendo circular a sua obra de um modo bastante restrito. Alguns poemas foram publicados em revistas, outros integravam conjuntos breves que o poeta fazia chegar a leitores específicos. Passou sete anos em Inglaterra, tendo escrito alguns poemas em inglês. Apesar da obra pouco extensa, é um dos autores estrangeiros mais traduzidos para português. Na língua de Camões, conhecem-se traduções de Kaváfis por Jorge de Sena, João Carlos Chainho, Joaquim Manuel Magalhães e Nikos Pratsinis, Manuel Resende e José Luís Costa.

ANTES QUE OS MUDE O TEMPO

Muito se entristeceram na hora do adeus.
Não o tinham desejado: foram as circunstâncias.
A vida obrigara a que partisse um deles
para muito longe – Nova Iorque ou Canadá.
Certo é que o seu amor não era como dantes:
tinha diminuído a atracção, aos poucos,
tinha diminuído a atracção, e muito.
Mas a separação, tanto não desejavam.
Foram as circunstâncias. – Ou artista, talvez,
a Sorte provou ser ao separá-los já,
antes que a chama apague, antes que os mude o tempo:
assim, um para o outro para sempre ficará
aquele belo rapaz de vinte e quatro anos.

[1924]

K. P. Kaváfis, in *Aquele Belo Rapaz – poesia completa**,
trad. José Luís Costa, posf. Tatiana Faia, Assírio & Alvim,
2025, p. 127.



**DIGA
33**

POESIA NO TEATRO
programa elaborado por
HENRIQUE MANUEL BENTO FIALHO

**DIGA KAVÁFIS –
com José Luís Costa**





JOSÉ LUÍS COSTA (Lisboa, 1978) estudou Línguas e Literaturas Clássicas e Interpretação de Conferências na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Trabalha como intérprete de conferências e tradutor literário a partir de várias línguas, privilegiando o grego moderno. Traduziu obras de Yánnis Rítsos, Yórgos Seféris, Katerína Gógou, Dimítris Lyácos e Yánnis Stíggas. Traduziu a poesia completa de K. P. Kaváfis: “Aquele Belo Rapaz” (Assírio & Alvim, Novembro de 2025). É também autor de quatro livros de poesia: “20 poemas a Anton Webern seguido de Aventuras” (&etc., 2005), “Da Madragoa a Meca” (&etc., 2013), “Canto da Alforreca” (Douda Correria, 2016) e “Lantânio” (Flan de Tal, 2023).

dois naufrágios

um homem sozinho

Partiu o ovo na curva do joelho. Bebe a clara, guarda a gema no bolso da camisa, lança a casca ao mar. À tarde a jangada passará pelos icebergues.

algumas pessoas numa jangada

Encontraram uma esplanada em cima de um icebergue e subiram. Ali ficaram por uma tarde, erguendo ao sol os copos com limonada.

Zé Luís Costa, in *20 poemas a Anton Webern seguido de Aventuras*, &etc., 2005, pp. 51-52.

COPIADO DE CELAN

Melão amargo, comemos-te ao almoço, em sonhos, ao mata-bicho. Melão amargo ao balcão, bica veloz; demorado melão amargo, fatiado sobre a manta, em expedições pelas cordilheiras. Por trás das cordilheiras havia uma caixa. No buraco negro do teu umbigo, Conceição, um fio seco de melão amargo; para coroar-te, só um diadema de pevides. E chove como deve ser. Melão amargo comemos-te ao almoço, em sonhos, ao mata-bicho.

José Luís Costa, in *Canto da Alforreca*, Douda Correria, 2016, p. 14.

2.

Dois gatos em casa:
só eles vêem
um fantasma que dança
ao som de ovos que estrelam.

Reagem como gatos
reagem –
compreendendo tanto
que não dá para reagirem.

Lantânio agradece a discrição,
oferece-se para ajudar
na limpeza do caixote de areia,
o que parece aos gatos supremamente natural.

Poisa os transparentes pés
sobre um areal jamais pisado
por humanas patas,
avista oásis na distância,
desmaia sob um sol de miragem.

José Luís Costa, in *Lantânio*, Flan de Tal, 2023, s/p.